

A sexta grande extinção acelera ou um poema antes da próxima enchente

Éderson de Oliveira Cabral *

Éderson de Oliveira Cabral (Éder Cabral) é Doutor em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade FEEVALE, com período sanduíche no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas Modernas Universidade de Bolonha - UNIBO; Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS; Especialista em Língua Espanhola pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS; Licenciado em Letras-Português/Espanhol pela UNISINOS.

 <https://orcid.org/0000-0002-3393-8340>

Recebido em 09 abr. 2025. Aprovado em: 27 out. 2025.

Como citar esta produção artística:

CABRAL, Éderson de Oliveira. A sexta grande extinção acelera ou um poema antes da próxima enchente. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e6452, dez. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17809255.

As últimas geleiras derretem;
as calotas polares,
primeiro no norte,
depois no sul,
dissolvem-se.

Os oceanos sobem,
ao aquecer,
a água se expande,
sobem ainda mais.

As ilhas rasantes desaparecem.
Os deltas dos rios também.
As linhas costeiras recuam.
Milhões fogem da inundação.

*

 edercabral@feevale.br

Outros milhões ficam para trás.

Morrem.

*O delta de Porto Alegre
tentou de novo ocupar
o espaço tomado pela urbe,
extrapolando suas margens.*

*Por um bom tempo,
vi algo próximo do fim.
Uma enchente anunciada.
Decisões ignorantes
provocaram um cenário
de guerra.
De guerra!
Contra quem?*

Em outros lugares,
desertos se formam.
Agricultura colapsa.
Temperaturas diurnas matam.
Fogem, os que podem.
More refugees.
Conflitos, por comida,
por clean water.

*Abrigos são enjambrados.
A solidariedade veio
por meio dos gritos
dos moradores do Menino Deus.*

*Humaitá, Vila Farrapos,
Lami, Belém Novo...
Quem pode gritar
com água pelo pescoço.
Quem os viu atar
corpos nos postes.
Quem os impediu de ir
à Laguna dos Patos mortos.*

*O preview do fim
chegou mais rápido,
no sunset mais belo.*

*A água se elevou
gradualmente,
deixou marcas
nas construções ousadas,
objetos de contenção
por acidente,
do incidente.*

*Distribuem alívio
climático aqui;
consequências previstas
ignoradas ali.*

*Consequências imprevistas
são autônomas.
Caem onde querem.
Mais cadáveres.
Não apenas humanos.*

Cada espécie diminui um pouco,
ecossistema entra em colapso –
um pouco mais.

Ondas de morte.
Gaya persiste.
Desaparecemos.

*Um oceano de leite.
Sebastián não sabe
o que fazer.*

*Sabia antes;
derrubar o muro cinza
que conteve 5,15 m –
suportaria até 6 m.*

*Entre esses centímetros
vidas foram varridas,
vassoura d'água
neoliberal.*

*A próxima enchente
se aproxima.
Redundante, replay
do autoplay.*

*Eles ainda são os mesmos
pensando se compram
um jato para o Estado*

*ou se viajam para fora
do que não puderam entender
pelos avisos científicos.*

Para que tanto?

*Temos sacos de areia e
sacos para cadáveres
em stand by.*